

ASSIGNATURAS

Corte, anno..... 10\$000
Semestre..... 5\$500
Trimestre..... 3\$000
Mez..... 1\$000

Pagamento adiantado

O SORRISO

ASSIGNATURAS

Provincias, anno. 12\$000
Semestre..... 7\$000
Trimestre..... 4\$000
Mez..... 1\$500

Pagamento adiantado

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO
Dedicado ás Moças Brasileiras

PROPRIEDADE DE M. J. MACHADO & F. A. COSTA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

Numero avulso 100 rs. Edição especial do assignante 200 rs.

COLLABORAÇÃO FRANCA AOS ASSIGNANTES

Collaboradores effectivos:—Drs. Mello Moraes, Luiz Cardoso, Bernardino Bormann, Macedo de Aguiar, Agostinho de Araujo, S. Junior, Alfredo Gomes e Symphronio Cardoso.—Constantino do Amaral Tavares, Victor da Cunha, Augusto Emilio Zaluar, J. M. Tavares, João Mendes, D. Alice Clapp, Mucio Teixeira, Dr. Mello Moraes Filho, Dr. Walduroff, M. J. F. Guimarães, Arthur Brasilio, M. F. Machado, F. A. Costa, etc.

Escriptorio e Redacção.—Rua de Gonçalves Dias 28

Anno I Rio de Janeiro, 11 de Dezembro de 1880 N. 21

A Rosa do Parahyba

Rosa do Parahyba, anjo formoso,
Astro divino, sonho de poesia,
Filha do céu, encantador perfume,
Irmã da luz, bella rival do dia!

Dize que mal te fiz, que escravisaste
Esta alma, outr'ora livre, como o vento?
Pois desde que avistei teu rosto angelico,
Já não governo mais meu pensamento.

Dize que mal te fiz, que me cegaste
Com electrica luz n'um curto instante,
Quando meus olhos pela vez primeira,
Incautos encontraram teu semblante?

Ah! que minh'alma, de tua alma preza,
A sua antiga liberdade chora!
E' só meu pensamento estar contigo,
Como o canto das aves com a aurora.

Meus olhos, que de nuvens se cercaram,
Só para ver-te, tem poder ainda,
Vejo na terra, e a divagar no espaço,
Por toda a parte a tua imagem linda.

Tu bem sabes, oh noite, quando estendes,
No vasto céu, teu estrellado manto,
Qual é a estrella, que me occupa a idéa,
Meu unico prazer, e meu encanto!

Tu bem sabes, oh sol, que sol ardente
A vida me alimenta desde então!

O pólo magnetico, em que se prende
Por lei fatal meu docil coração!

Tu bem sabes, Parahyba,
Que, quando agitas teu seio,
Surge uma visão do meio
De teu leito a fulgurar;
Que, quando a neblina envolve-te
Em seu cinto de vapores,
Um anjo, cantando amores,
Te vem por cima boiar.

Tu bem sabes que, alta noite,
Quando só minh'alma vela,
Vem então loura donzella
Em tuas aguas nadar,
Tu hymnos apaixonados
Nesse momento murmuras...
Ah! por que negras torturas
Minh'alma fazes passar!

Por tuas margens errantes,
Louco divago, sem tino;
Cheio de um fogo divino
De longe a tento abraçar:
Ardendo, estendo os meus braços
Para a visão vaporosa....
Suave cheiro de rosa
Sinto então me inebriar.

Mas oh que embalde procuro
Ao meu coração chegar-a,
Embalde tento abraçar-a

Da margem, a suspirar!
Ella, fugindo, me escapa
Nas águas escorregando,
Vai boiando... vai boiando...
Sempre de longe a cantar.

Sobre névoas reclinada,
Cercada de mil fulgores,
Imita os doces albores
De uma aurora, a despontar;
Não ha quem, vendo a taes horas,
O seu semblante formoso,
Em um incendio amoroso
Se não sinta devorar.

Se me chego, ella se afasta,
Como de mim receiosa;
Mas se me afasto, chorosa,
Por mim se põe a chamar;
Até que a noite sombria
Foge ao sol que vem chegando
E que, as aves acordando
Vem tuas águas dourar.

Então a visão formosa
Se desmancha pouco a pouco,
Emquanto, saudoso e louco,
Ainda a penso encherger!
Nos raios do sol subindo
Ella lá vai, tão distante...
Que só um olhar de amante
Ainda a póde avistar!

Nas nuvens do céu toldado,
Nas azas da ventania
Eu a vejo, fugidia,
Com a mão a me acenar...
Alva mão, porque te escondes,
Quando meus labios almejam?
Quando meus labios desejam
Abrasados te beijar?!

Nos raios brancos de Vesper,
Nas rosas do occidente
Seu meigo sorriso ardente
Eu costume divisar;
Na voz celeste das aves,
Nas ethereas litánias
Ouço as ternas melodias
Do seu suave fallar.

Morri... morri! minha vida
Perdi eu n'aquelle instante,
Em que vi o seu semblante,
Como um sol a fulgar.
Oh astro do Parahyba,
Oh anjo dos meus amores,
Irmão da luz e das flores,
Vem sobre um morto chorar!

Já que um destino de ferro
De teus braços me desvia,
Já que uma sorte sombria,
Um só bem me não quer dar,
Quero ao menos que me chores,
Se ao Parahyba rodando,
O meu corpo fôr boiando
Até o seio do mar.

DR. LUIZ CARDOSO.



Por causa d'um primo

(SCENA DE CIUMES)

XV

Grande movimento se observava no dia seguinte na casa da rua do Cattete, onde vinte e quatro horas antes se passára uma scena dolorosa.

Algumas familias do conhecimento de D. Maria das Dores haviam sido convidadas para jantar n'esse dia, em que o seu fugitivo neto se dignava fazer-lhe uma visita.

A lembrança d'esse convite foi-lhe suggerida pelo estado, ainda receioso, do animo de suas netas, que não inspirava confiança.

Sob um pretexto futil, inventado por essa boa senhora, para dar uma razão de ser a essa festa familiar, queria ella ver-se com a presença de pessoas que não pertenciam á familia, predispunha o espirito das duas irmãs, de modo a nada acontecer de des-

gradavel na presença de seu neto, a quem tudo queria occultar.

Criados e criadas moviam-se com alegria infantil, porque o objecto d'este regosijo houvera conquistado, com a sua natural jovialidade, a sympathia de todos.

Elles nada sabiam do que se havia passado entre as moças, apesar de alguns vislumbres de tristeza que o rosto lhes mostrava, e por isso o seu contentamento duplicava á proporção que a hora da visita annunciada se ia approximando, pois presumiam que aquella casa fosse pequena para conter em si tamanha felicidade.

Excepção feita do moleque, que um pouco sabedor dos segredos das duas irmãs, não agourava propicio desenlace a esta visita, porque se alguma cousa se viesse a descobrir, elle entraria naturalmente de comparsa, pois fôra até alli o fiel correio das moças, no desagrado de qualquer das duas iria incorrer.

D. Maria das Dores fazia esforços para afugentar de si certas sombras sinistras que de momento a momento se lhe affiguravam negras, medonhas como o estava o seu coração propheta, sua alma apprehensiva.

Procurou fallar com suas netas, com as quaes já havia conversado longo tempo, aconselhando-as sobre o modo de proceder diante do primo, e fazendo-lhes ver que era de urgencia olvidar totalmente o incidente já passado, pois nenhum proveito se tirava d'isso, desde que os seus destinos estavam nas mãos de Deus.

Isabel, apesar de muito abatida, porque não pudera dormir durante toda a noite, procurou, com a sua habitual affabilidade, socegar o temor da avó, prometendo-lhe que jámais daria a mais leve razão de queixa.

— E tu, Olympia? Tão boa, como és, não quererás que me arrependa da muita amisade que tambem te voto, não é verdade?

— Sim...

.....

Eram seis horas da tarde.

Entre damas e cavalheiros contavam-se, mais ou menos, cincoenta pessoas reunidas em casa de D. Maria das Dôres, esperando-se unicamente D. Thereza e seu filho, que não se fizeram demorar.

A sua chegada foi ruidosa de prazer.

Uma scena tocante, porém, se deu, que só póder ser avaliada por aquelles a quem o acaso reune, depois de uma ausencia de annos.

D. Maria das Dôres, depois que o neto lhe cahiu nos braços, foi assaltada de commoção tão violenta, que cahiria redondamente ao chão, se não fosse amparada pelo moço, que via n'este momento a extensão do amor que sua avó lhe consagrava.

Depois abraçou suas primas, que, sentadas uma perto da outra, mudavam continuamente de côr, assaltadas ambas por pensamentos differentes.

Isto passado, a alegria continuou e a conversação animada das duas irmãs com o primo, a accusação que lhe faziam pela sua prolongada ausencia, nada deixava suspeitar que entre ellas existisse sequer o mais pallido reflexo de animadversão.

D. Maria das Dôres não retirava d'ellas o seu olhar perscrutador e a inquietação que por algum tempo a dominara não tardou em desaparecer quasi de todo, porque o procedimento de suas netas excedia-lhe a expectativa.

Foi annunciado o jantar, que, como é de suppor, correu estrepitoso, levantando-

se alguns brindes calorosos a D. Maria das Dores e suas netas.

— Ao desertor, meu neto! saudou aquella.

As moças tocaram o copo do primo, Olympia com mais entusiasmo, Isabel menos expansiva.

— A' minha prima Isabel! gritou Antonio de Castro.

(Continúa)

F. ARTHUR COSTA.



Coisas de Bebê

E' bebê loura e galante,
Pé ligeiro, mãos pequenas;
E tem asneiras sublimes
E faz perguntas-problemas.

No meio das travessuras,
Larga as bonecas da mão,
Leva um dos dedos á bocca,
Com ares de reflexão.

Depois, pergunta umas coisas
Indiscretas, que complicam!
E nem sempre se contenta
De tudo quanto lh'explicam!

Outro dia, por exemplo,
A mãe lhe dizia:—Flor,
Vês como é branca a cecem?
Os anjos são d'essa côr.

Então mamãe, diz bebê,
Junto aos anjos posso ir eu;
Mas d'um carvoeiro a filha
Não tem entrada no céu?...

E a filha da lavadeira,
Tão alegre e tão bonita
Nunca irá cantar lundús
No céu, a pobre negrita?

E a mãe beijando os labios tagarellas
D'aquelle pensador de poucos mezes,
Satisfez-lhe a gentil curiosidade,
Coisa que não succede muitas vezes.

Olha, meu doce amor, a côr da pelle,
Não empana d'uma alma a sã pureza.

Deus que a tem fadada,
Descobre o scintillar d'uma alma pura
Tanto no berço augusto da princeza
Como nas pobres vestes da engeitada.

MACHADO TAVARES.



As pescadoras

As moças fazem dos leques
Canicos, de noite e dia;
Haja vento, sol ou chuva,
Não cessam com a pescaria.

E a prova d'isso que digo
Apresento-a á luz do sol:
Qu'ellas tem em cada olho
Um magnetico anzol!...

E como linha no empate,
Cabello de qualquer côr,
Que desce ao fundo das aguas
A ver peixe de primor...

E seu sorriso mellifluo
Como isca, vai bem seguro;
Embora ás vezes a chuchem,
— Péga sempre — eu asseguro.

E afinal deste artificio,
Um noivo fica PESCADO!...
E assim chegam d'um salto
Ao vitalicio senado!...

.

Outras ha que se entretêm
Em pescar só com peneiras...

Todas *remplies de soi même*
Que é bonito ser loureiras!...

Do que não lhes gabo o gosto:
Porque, chegando a ser tias,
Lhes cahe a barba do anzol,
E se vão as pescarias!

DR. WALDUROFF.



Serões da Província

POR

JULIO DINIZ

—

AS APPREHENSÕES DE UMA MÃE

VIII

Satisfeitos os primeiros transportes do amor materno, D. Margarida concedeu-me atenção, e mostrou-se para comigo tão affectuosa como d'antes. Desculpou-se, como pôde de me não haver escripto e não tocou nos seus projectos de viagens, evitando habilmente fallar-me n'isso quando eu para ahi tentava dirigir as minhas investigações.

Thomaz veio encontrar algumas mudanças nos habitos da casa.

Faltava alli o abbade que havia um anno tinha morrido de ataque apopletico, consecutivo a uma indigestão de lagosta. Pobre homem! vivera para o estomago e o ingrato sacrificou-o! Era destino! Elle pertencera a um mosteiro de Benedictinos, celebres por um invento gastronomico.

Melhor que ninguem aprendera alli a preparar a decantada *farinha de S. Bento*, substancial golodice, com que os bons monges de Santo Thyrsio aplacavam, segundo diz a lenda, as iras estomacaeas de

um monarcha portuguez e segundo o bom senso affirma, as iras, não menos temerosas, das suas proprias *visceras monasticas*.

Seja-lhe mais leve a terra, do que lhe foi o ultimo banquete.

Notava-se tambem a falta do doutor Theophilo, que desesperando de levar a effeito o consorcio com D. Margarida, dirigia actualmente as suas amaveis attentões a uma rica brasileira das proximidades, nutrindo o amor com mandioca e banana.

O medico era dos tres o unico presente e se não receiasse abusar da força de concepção do leitor, pedir-lhe-ia que o imaginasse mais magro ainda, do que quando pela primeira vez lh'o apresentei. Empregava elle os maiores esforços para não fallar diante de Thomaz em assumptos de medicina. Renovava d'algun modo a fabula do estatuario e

...on le vit frémir le premier

Et redouter son propre ouvrage

que obra sua dizia elle ser a formatura do Thomaz.

A aldeia não ficou pouco surprehendida, quando, passados dias, se annunciou o proximo casamento de Thomaz com Paulina.

Julgava-se já isso coisa esquecida. A nova estalou pois no meio do circulo como uma bomba, e conjunctamente em phrase vulgar, estalou uma castanha na bocca a muitos pais e mães de familia, productores e expositores de *jeunes filles á marier*, n'esta pequena exposição de Entre-arroios.

O medico, visivelmente contrariado, informou-se logo se Thomaz tencionava persistir na aldeia, depois de tomar novo

estado. Thomaz respondeu que sim, porém, como para o acalmar, accrescentou que não estava disposto a exercer a clinica, a não ser gratuitamente aos pobres.

O nosso Esculapio não morria de amores por esta parte da clientella e por isso louvou excessivamente a caridade do novo doutor e esquecendo até o habitual laconismo, citou, no ardor do entusiasmo Hippocrates recusando os presentes do Artaxerxes, facto da vida do medico do Cós, que o bom do homem lá para com seus botões, julgava redonda parvoíce.

A familia de Entre-arroios passou a viver uma vida toda interior e a gosar de uma serenidade que me deliciava.

Paulina mostrava-se terna, sensível e ingenua como d'antes. Thomaz parecia idolatral-a. Ao serão, em quanto ella trabalhava em costura e a Sra. D. Margarida, cuja vista cansada já lhe não permitia essas folias, dobava meadas com os movimentos regulados de um automato, Thomaz, sentado defronte d'ellas descrevia, até os minimos pormenores, a sua vida em Paris. A mãe escutava-o encantada. Por vezes as duas mulheres suspendiam o trabalho, para seguirem a narração nos pontos mais interessantes; por vezes D. Margarida trocava com Paulina, a quem votava uma afeição verdadeiramente maternal, um olhar e um sorriso, cuja significação eu não podia decifrar.

Conservei-me n'esta casa até o casamento de Thomaz, que se effectuou passados quinze dias.

Foi um facto notavel na aldeia.

Não se fallou n'outra coisa por muito tempo senão no joven doutor, e na fidalga, conduzindo pela mão ao altar a Paulina, vestida ainda com os costumes do lugar,

apenas mais artisticamente dispostos que o das outras raparigas, em quem esta particularidade, compensada pelas maneiras modestas da noiva, longe de lhe attrahirem invejas, antes parecia despertar sympathias.

A senhora de Entre-arroios andava n'esse dia visivelmente satisfeita.

— E os seus receios, minha Sra.? — Disse-lhe eu, n'um momento que estive-mos sós.

— Cuida que os perdi já? — respondeu-me sorrindo.

— Pois acaso?...

— Receio como d'antes.

— Então...

— Acabe.

— Mal comprehendo a alegria de V. Ex. n'este momento, porque...

— Pareço-lhe uma mãe desnaturada; não é isso?

— Não digo tanto, mas...

— Com o tempo fallaremos.

E riu-se.

Na tarde d'esse mesmo dia, que era um domingo, percebendo que havia alegria sufficiente n'aquella casa, para que a minha ausencia podesse ser muito sentida, despedi-me dos noivos e da senhora de Entre-arroios e montei a cavallo para o Porto.

Ao sahir d'uma encruzilhada ouvi atraz de mim passos de cavalgadura. Voltei-me; era a tradicional mula do medico, com seu descarnado senhor, cujas pernas retezadas e divergentes, lhe davam a apparencia de um ypsilon voltado.

(Continua.)



O suicidio

I

Enlucta-se o coração e amesquinha-se o pensamento ao escrever estas oito letras, que se me afiguram o epitaphio desta sociedade, esvahida de coragem para lutar com a miseria e a desesperação! Eu não sei que seja possível transfigurar o homem moral, mandando-o soffrer com paciencia o infortunio, depois que a resignação desmereceu no conceito do homem irreligioso. Não sei que aproveitamento esperam as minhas palavras, sem uncção talvez para os que m'as lêem, e menos ainda para uma sociedade entretida em grangear-se amarguras, e incredula de mais para acreditar que se possa suavisal-as!

Não póde, não, quando a impiedade entrou em casa do desgraçado e foi sentar-se nos andrajos da sua miseria. Não póde, não, quando o infeliz, a quem envio esta pagina escripta diante da cruz de Jesus Christo, cerrou os ouvidos de sua alma ao chamamento do Senhor, e cahiu, de cansado, renegando o peso da sua Cruz!

E o infortunio tem força de erguer um braço contra o peito a que está preso pelas mãos de Deus! E a mão do homem tem força de encravar um ferro no coração, onde o Creador gravara seu nome, tres vezes santo! E o sangue, do seio fendido, é aquelle mesmo que pulsára ahi apressado, quando, em tempos felizes, a idéa da immortalidade, a ancia do infinito, o amor vehemente do céo, agitava esse coração, escaldava esse sangue e erguia essas mãos em preces incendidas para o Senhor do Universo!

Os homens conspiraram contra Deus no fundo de seu coração, e vieram depois á

luz do dia aggreder a Divindade. Suas armas eram hervadas no veneno mortal da arvore da «sciencia» e o seu estandarte, agitado nas mãos ensanguentadas do livre arbitrio, chamava-se «razão». Este inimigo, poderoso como Lucifer, cantava o seu hymno de victoria, e nós, Christãos vencidos, nós, soldados da cruz, apupados nas ruas de Babylonia e escarnecidos no Areopago dos philosophos, apontamos-lhe de longe os seus triumphos, e exclamamos: «Levanta do chão esses cadaveres de suicidas! Levanta-os em obelisco de triumpho, que são teus!»

Chamaram a esta época uma época de transição. Por desgraça a geração que vem deverá lavar-se no sangue da que passa? Haverá um mysterio aterrador a cumprir-se antes que a sociedade se renove? Tere-mos de venerar, como martyres da renovação social, os que vão cahindo a nosso lado, apunhalados por sua propria mão? Os discipulos de Confucio, suicidando-se em honra de seu mestre, serão menos filhos da civilisação que os discipulos de Voltaire, suicidando-se em honra do atheismo? Nunca mais terriveis problemas torturaram a humanidade!

II

Não chamem ao suicidio o resultado de uma demencia. O homem que se mata é responsavel da sua morte: é arbitro daquelle ferro que empunha, daquelle braço que ergue, daquelle sangue que derrama.

Vós não vêdes que a philosophia dos pantheistas creou o atheismo? Julgais que o materialista, enfastiado de viver, não é coherente com seus principios acabando com uma vida que lhe pesa?

Não sabeis que os estoicos se matavam,

raciocinando, quando viram ameaçada a república pela espada de Cesar?

O cavalheiro d'Assas seria demente, quando, na ponta das bayonetas austriacas, exclamava, já com o peito atravessado: « A mim, d'Auvergne ! »

Esses sacrificios admiraveis que a historia nos relata, não são demencias.

Bisson, vendo-se aggreddido, no seu navio, pelos piratas gregos, força a equipagem a salvar-se; e, depois, occulto no paiol da polvora, espera a chegada de seus inimigos, e, de improviso, setenta piratas, com o navio, e o intrepido logar-tenente daquelle vaso, vôm em estilhaços entre as labaredas do incendio. Bisson suicidou-se: seria elle um demente ? !

(Continúa)



Meu canto

A toi, toujours á toi....

V. Hugo.

Eu não venho cantar esses teus olhos,
Que me guiam da vida nos abrolhos....
Nem o riso singelo, encantador,
Que vem-te aos labios e revela amor !....

Eu não venho cantar neste alaúde,
As auroras de tua juventude....
Nem tua linda fronte adolescente,
Pendida triste em meditar fremente !....

O que eu venho cantar... é o regosijo
Que sinto dentro d'alma, quando estaes
Com teu odio a accusar-me sem razão!....

Depois de serenada,

O beijo que me daes!...

SAUL AVILEZ.

MOSAICO

Ia a ser enforcado um famoso ladrão ; e como fosse esperançado em que o diabo o livrasse, como já lhe tinha acontecido, caminhava alegre e com presença firme; vendo, porém que se approximava da força sem o diabo lhe apparecer, gritou que era tempo de o salvar, ao que elle respondeu :

— Já te dei a vida mais de vinte vezes ; agora estou cansado, e por isso tem paciencia esta vez.

+

A MOLESTIA E A CURA

Aqui jaz um homem rico
N'esta rica sepultura:
Escapava da molestia
Se não morresse da cura.



CHARADAS

A decifração das do ultimo numero é:
Sapo, Libello.

Eu já fui, hoje não sou — 1
A muitos pertenco eu — 2
Quem me não tiver em Minas ;) 2
Com certeza empobreceu)

Nos tempos que já são idos
Fui por todos despresado ;
Hoje, graças ao progresso,
Jámais sou desacatado.

Sobre os mares sou estimada,) 1
Sobre a terra aborrecida,)
Trabalho a força estranha,) 1
Sempre em casa recolhida.)

Sou ao nauta proveitoso
Quando o tempo está calmoso.